

Em paz podemos arrancar com a nossa economia

— Presidente Samora Machel

Publicamos em seguida extractos dos principais pontos do improviso do Presidente Samora Machel no comício popular de ontem no campo de futebol do Xipamanine:

Não viemos falar apenas para a população de Maputo. Saudamos a vossa iniciativa em convocar esta reunião. O que queremos que diga?

- Tudo.
- Tudo o quê?
- Tudo sobre o Acordo.
- Correcto. Fundámos a FRELIMO em 1962. Para quê?
- Para libertar a Pátria.

— Fundámos a FRELIMO para unir o Povo moçambicano, para que possuíssemos um instrumento nosso de luta, para conquistar o direito inalienável de todos os povos: a Independência.

Criámos a FRELIMO com o objectivo de negociar a Independência com a potência colonial que era Portugal. Tínhamos por nosso objectivo conquistar a Independência por meios pacíficos. Foi sempre nosso objectivo: a Paz. Onde não há Independência, não há Paz. Criámos a FRELIMO para conquistar a Paz, a expressão mais profunda do povo, o tesouro mais precioso da Humanidade. A potência colonizadora recusou o diálogo connosco. Enveredámos pelo caminho da luta armada, da violência revolucionária. Se a potência colonial tivesse aceite o diálogo não teríamos derramado sangue.

Em 1974, negociámos. Não é esta a primeira vez que estamos a negociar. Em 1974, assinámos o Acordo de Lusaka que estabelece o princípio da autodeterminação, o fim da guerra colonial e da guerra de agressão imperialista contra o nosso povo. Em 25 de Junho de 1975 proclamámos a RPM, edificámos este vosso poder. Vocês ficaram no poder. Esta Independência trouxe transformações radicais na região, introduziu uma nova maneira de viver, uma nova civilização.

A nossa Independência instalou o princípio de que, independentemente da cor da pele, os homens são todos iguais. Por isso nos atacam. Agridem a essência da nossa civilização, o facto de homens de várias cores, de vários continentes, serem iguais. Trouxemos a fraternidade, a amizade entre os povos. Implantámos a fraternidade e a Paz na África Austral.

A violência existe desde que o colonialismo penetrou no nosso Continente. E permanece em países não independentes. Nunca houve paz no nosso Continente. Colonialismo e liberdade são duas coisas diametralmente opostas. Fascismo e nazismo não são iguais.

DIREITOS QUE DEVEM SER OBSERVADOS

Quando proclamámos a Independência passámos a existir como Estado. Somos um Estado soberano, instituímos direitos que devem ser observados. Não devemos confundir Estado com o Partido. O Estado protege todo o cidadão, independentemente da sua ideologia, religião ou crença.

Todos são, antes de tudo, cidadãos da RPM. Não é o Partido que define a cidadania, mas o Estado moçambicano.

O Estado tem que ser defendido por todo o cidadão. Esta Bandeira da República cobre-vos a todos vocês. A Bandeira do Partido cobre os membros do Partido, cobre todos os revolucionários. Esta (a Bandeira Nacional) cobre todos os revolucionários, mas cobre também os marginais. Entenderam? Cobre também ladrões, exploradores, cangongueiros. Em síntese, cobre os bons e os maus. Se um moçambicano for preso no estrangeiro não perguntamos se

lução, as transformações culturais, sociais, técnicas e científicas. Nós não fomos assinar um acordo com o Partido da África do Sul. Não assinámos um acordo de coexistência política e ideológica. Não fomos assinar acordo com nenhum Partido da África do Sul. Assinámos um acordo com o Governo da África do Sul. Os sul-africanos não assinaram nenhum acordo com o Partido Frelimo, mas com o Estado moçambicano. Entenderam?

- Entendemos.
- O que é este Acordo? Um conjunto de regras e princípios

Vocês também têm regras a cumprir. Ouviram?

Não caçar na África do Sul. Entenderam? Não caçar os animais que estão do outro lado, os elefantes, os búfalos que estão do outro lado. Não são vossos. Não cultivar do outro lado. Não se pode atravessar senão viola-se o Acordo. Dizem: deste lado o gado não tem bom capim, vou levá-lo para o outro lado. Aqui em Maputo vocês não entendem bem. Mas os distritos fronteiriços entendem-me bem. Não é só com a RAS mas com o Zimbabwe e o Malawi e a Tanzânia, a Zâmbia, a Suazilândia. Cada um tem o seu território. Esta é a primeira coisa a observar. Parece uma coisa pequeninita. Mas é importante, sobretudo para a tropa. Tropa moçambicana atravessar a fronteira Para fazer o quê? Tropa sul-africana atravessar a fronteira, para quê?

Há regras e lugares para atravessar. Há postos próprios, documentos próprios. Alguns roubam castanha, camarão e levam para lá. Esses violam a regra do Acordo.

Não agressão o que significa? Aviões e barcos de guerra de um para outro lado? Não. Os bandidos vivem na RAS. Vem de lá para vos vir matar. Este Acordo proíbe o treinamento de bandidos. A África do Sul assumiu isto não treinar e alojar o bandido armado. Fomos assinar o Acordo para cobrir com terra a fonte donde nasce a água. Deixámos a água que está cá em cima para se evaporar. Agora fica a água que já está no tubo...

INSTRUMENTO DE LUTA PELA PAZ

Este Acordo é um instrumento de luta pela Paz, pela igualdade, pelo respeito mútuo e pela justiça, pela democracia. Este Acordo, que realizámos agora, resulta de um processo longo. A luta tem vários aspectos e várias frentes: política, ideológica, diplomática e armada.

Em 1982, o Comité Central da Frelimo analisou a situação interna. Em Agosto de 1982, analisámos a situação nas várias frentes, incluindo a situação internacional.

Constatámos que os bandidos estavam a destruir a nossa economia. Por isso, todas estas dificuldades que vivemos. Destroem as serrações, as pontes, as barragens, as locomotivas. Raptam crianças. Assassinam. Raptam, violam e assassinam mulheres. Cortam as orelhas das nossas belas mulheres, os lábios das nossas filhas. Raptam estrangeiros que trabalham para o desenvolvimento económico. Definimos três frentes importantes: primeiro, a militar para liquidar os bandidos armados. Segundo, ofensiva diplomática, para romper o cerco internacional a que estávamos submetidos. Terceiro, a frente económica. O Governo da RPM estudou como materializar estas três direcções. O Conselho de Ministros decidiu fazer da nossa economia uma economia de guerra. Explicámos ao Mundo que o Povo moçambicano é vítima de uma agressão, de uma guerra não declarada. As viagens à Bélgica, Holanda, Portugal, França, Inglaterra, à sede da CEE, foi para explicarmos a natureza da guerra

RESPEITAR O COMPROMISSO ASSUMIDO

Respeitar a fronteira. Ouviram?

- Ouvimos.
- A África do Sul não poderá agredir Moçambique e vice-versa.

a que somos submetidos. Não há oposição política. Os que operam em Moçambique não são soldados, mas assassinos, drogados e criminosos. Explicámos que a RAS era o agente desestabilizador na região, em patricular contra a RPM.

Após as operações, que realizámos desde 1983, há 3500 bandidos que estão connosco aqui, capturados. Confessaram que foram treinados e tratados quando são feridos, na África do Sul.

Pedi que trouxessem bandidos armados hoje, não sei se os trouxeram. Não os trouxeram. O vosso presente seria belo. Os Ministros têm medo de vocês, mas não têm dos bandidos. Dão aos bandidos armados comida, roupa, aquilo que devíamos dar a vocês.

Perguntámos ao Mundo: o que fazer com os bandidos, matamos ou não?

— Matamos.

— Não! Não estou a perguntar-vos. Perguntava ao Mundo. Este Acordo não protege os bandidos armados. Milhares de mortos e feridos de bandidos armados. Se nós equipássemos toda esta população que está aqui, não acabaríamos com os bandidos armados? Em Moçambique não há oposição, negociámos com Portugal a Independência. Não existia outro movimento. A Frelimo é o dirigente inconteste em Moçambique. Somos o que somos, unidos e organizados pela Frelimo. Agora, os bandidos armados, de onde vêm?

DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO E SOCIAL

O Acordo de Paz, de não agressão, de boa vizinhança, é para concentrarmos toda a nossa energia, para a aplicar no desenvolvimento económico. Em paz, na tranquilidade e no sossego, poderemos arrancar com a nossa economia.

Desde o início da FRELIMO que somos pela paz, somos nesta região porta-bandeira da Paz. Ela foi sempre o nosso objectivo. Quando apoiamos a luta justa dos povos oprimidos, é sempre pela paz que o fazemos.

Apelo a todo o moçambicano: a nossa tarefa prioritária, a nossa missão principal, é a limpeza dos bandidos armados. Maior vigilância, porque assinámos um Acordo. Não é um acordo ideológico. A África do Sul tem um sistema social antagonico do nosso. Somos pelo socialismo e não pelo capitalismo. Teremos cooperação económica com a África do Sul, mas não teremos coexistência de sistemas. Os portos e os caminhos de ferro foram construídos para servir a África do Sul. Muitos moçambicanos trabalham nas minas da África do Sul.

— Falta alguma coisa, amigos? — perguntou no final o Presidente Samora Machel.

— Falta o livro! O livro do Acordo — Ouviu-se entre a multidão.

O Presidente Samora Machel apresentou, então, os dois exemplares encadernados do texto do Acordo, salientando:

— Feito em português. Feito em inglês. Responsabilidade do povo inteiro, do Rovuma ao Maputo.



é ou não membro do Partido. É moçambicano? Tem que ser protegido por aquela bandeira (a nacional).

DEFESA DO ESTADO, DA INDEPENDÊNCIA, DA REVOLUÇÃO

O Estado tem que ser defendido. Defendemos a nossa soberania, a integridade territorial, a nossa independência. Este é o significado do Acordo: a defesa da nossa soberania e da nossa integridade. Assim, defendemos todo o cidadão.

Mas existe uma outra coisa: a necessidade de defender a Revo-